

[APRESENTAÇÃO]

COMPLICANDO O QUE PARECIA SIMPLES Apresentação do Número 05

Arlindo Souza Neto¹

Há quem diga que as Ciências Sociais servem para “complicar o que parecia simples”. Não chega a tanto. A verdade que elas existem, sobretudo, para mostrar que o que parecia simples nunca foi simples. Se alguém ainda duvida, basta percorrer as páginas desta edição da Revista **MONXORÓS**: onde o livro didático é campo de disputa, a música é teoria política cantada, o camarão é categoria socioambiental, o *fast fashion* revela estruturas de exploração, a maternidade é atravessada por economia política, a educação profissional serve de arena neoliberal, a Educação a Distância é território de inclusão e exclusão, que a ditadura não terminou nos discursos, e que até Frankenstein pode nos ensinar geopolítica.

É com essa vitalidade crítica que apresentamos a nova edição da **MONXORÓS**, reunindo pesquisas que atravessam educação, trabalho, gênero, raça, território, política, democracia e memória histórica, e que compõem um mosaico consistente das inquietações contemporâneas nas Ciências Sociais e Humanas. Esta edição é composta por duas resenhas, um ensaio e dez artigos.

A presente edição é aberta com o artigo “*História da África e Povos Africanos no Livro Didático de História: uma análise dialógica do discurso*”, de Maysa Almeida e Almeida e Sandra Maria Campos Alves, que investiga, à luz da teoria bakhtiniana, como a África e os povos africanos são representados no livro didático do PNLD. As autoras evidenciam tensões entre permanências eurocêntricas e movimentos em direção a uma educação decolonial, dialogando diretamente com os debates sobre currículo, memória e relações étnico-raciais no Brasil contemporâneo.

A temática decolonial encontra ressonância no artigo “*Como a noção de decolonialidade está presente na arte através das músicas da banda BaianaSystem*”,

¹ Sociólogo, mestre e doutor em antropologia pela UFPE, docente do PPGCISH da UERN.

de Luiza Gurgel, que desloca o debate para o campo estético-político. Ao analisar canções dos álbuns *O Futuro Não Demora* e *Oxeaxeexu*, a autora demonstra como raça, território e capitalismo são reelaborados pela música, fazendo da arte um dispositivo crítico de enfrentamento às colonialidades persistentes.

A dimensão territorial e ambiental ganha centralidade em *“Reapropriação social da natureza na gestão da Associação Comunitária dos Criadores de Camarão de Icapuí (ACCI), Ceará”*, de Francisco Edson Barreto de Medeiros, Tulio de Souza Muniz, Maria Betânia Ribeiro Torres e Enaira Liany Bezerra dos Santos. O artigo examina a autogestão comunitária na carcinicultura, articulando racionalidade ambiental, desenvolvimento local e desafios organizacionais, mostrando como práticas associativas tensionam modelos produtivistas tradicionais.

A crítica socioambiental se aprofunda em *“A espiritualização do desastre: neoliberalismo, neopentecostalismo e a naturalização do racismo ambiental”*, de Damylle Cristiane de Oliveira Lima, que investiga como crimes socioambientais são convertidos em “desastres naturais” no discurso público. A autora articula neoliberalismo, neopentecostalismo e racismo ambiental, evidenciando como fé, mercado e Estado podem convergir na legitimação de desigualdades estruturais.

Ainda no eixo das desigualdades estruturais, o artigo *“No momento do meu nascimento dois fatores determinaram o meu destino: ter nascido negra e mulher’: raça e classe como os principais fatores frente à exploração das mulheres negras por meio do trabalho doméstico no Rio Grande do Norte”*, de Ananda Tamara Nunes Pinheiro, Damylle Cristiane de Oliveira Lima e Emanuely Dayane de Oliveira Valério, mobiliza a categoria de interseccionalidade para analisar o entrelaçamento entre capitalismo, patriarcado e racismo. O trabalho evidencia como o trabalho doméstico se torna engrenagem central de um sistema de exploração historicamente racializado.

O mundo do trabalho reaparece sob outra perspectiva em *“Fashion Law: uma análise acerca das condições de trabalho análogas à escravidão no Brasil”*, de Isabelly da Silva Libânio, Myriam Rachel Soares Barbalho e Eduarda Shirley Fernandes de Oliveira Vale Pedrosa. Ao examinar a lógica do fast fashion e suas conexões com violações trabalhistas, o artigo demonstra como a alta rotatividade produtiva pode ocultar práticas de exploração, tensionando os limites do direito e da dignidade humana.

As dinâmicas de gênero e trabalho também são exploradas em *“A sombra do cuidado: maternidade, trabalho e o paradoxo da proteção no Brasil”*, de Lidiane Gomes Trajano e Iata Anderson Fernandes. Com base em dados recentes, os autores analisam a sobrecarga mental e a penalização da maternidade no mercado de trabalho, propondo políticas institucionais de inclusão e enfrentamento das desigualdades.

No campo educacional, *“Do formar mão de obra ao formar empreendedor: a influência neoliberal na educação profissional do Ceará”*, de Francisco Thalvanys Marques Duarte e Lenina Lopes Soares Silva, investiga a educação profissional como política pública atravessada por interesses de mercado. O artigo revela como a agenda neoliberal reconfigura a formação, deslocando o foco da formação humana integral para a lógica da empregabilidade e do empreendedorismo.

A democratização do ensino superior via EaD é tema de *“Educação a distância e inclusão: reflexões sobre o acompanhamento dos discentes no combate à evasão no programa da UAB/IFRN Campus Zona Leste”*, de Miriam Flávia Medeiros de Araújo e Ozaias Antônio Batista. O estudo destaca o papel institucional do Núcleo de Acompanhamento ao Discente (NAD) na promoção da acessibilidade e na permanência de estudantes com deficiência, evidenciando que inclusão exige estrutura, política e acompanhamento contínuo.

A memória política e os mecanismos autoritários são examinados em *“Dispositivos repressivos da ditadura em Mossoró-RN: o cotidiano entre discursos e os noticiosos”*, de Suliendson Dantas do Nascimento, André Bonsanto Dias e Antônio Lucas. Ao analisar o jornal *O Mossoroense* durante a ditadura cívico-militar, o artigo demonstra como o discurso legitimador do regime se capilarizou no cotidiano local, revelando a dimensão discursiva da repressão.

No campo dos ensaios, Marcelo Duarte, em *“Percepções, construções e reflexões geopolíticas sobre o monstro Frankenstein de Mary Shelley: um ensaio contemporâneo”*, mobiliza a obra literária para pensar capitalismo, colonialismo e geopolítica. A metáfora do criador e da criatura serve como lente crítica para compreender as dinâmicas de poder entre Inglaterra e Estados Unidos, além de tensionar as relações entre trabalho, técnica e alienação.

A seção de Resenhas amplia o debate educacional e político. Em *“Formação de professores polivalentes no curso de Pedagogia: entre velhas e novas questões”*, Maria Gilnária Gomes Melo Silva e Lázaro Fabrício de França Souza analisam a obra de Antonio Anderson Brito do Nascimento e Emerson Augusto de Medeiros, discutindo os desafios históricos e contemporâneos da formação docente no Brasil.

Já em *“Digitalização e a crise democrática: a noção de ‘infocracia’ em Byung-Chul Han”*, Anderson Rêgo e Allyson Darlan Moreira da Silva examinam criticamente a obra *Infocracia*, de Han, explorando o conceito de psicopolítica e a transformação da democracia sob o regime da informação digital, evidenciando como Big Data e dataísmo reconfiguram o poder contemporâneo.

Ao costurar esses trabalhos, percebemos que esta edição da **MONXORÓS** se organiza em torno de um eixo comum: a análise crítica das formas contemporâneas de poder, sejam elas discursivas, econômicas, ambientais, religiosas, educacionais, digitais ou políticas. Educação, trabalho, território, gênero,

raça, memória e tecnologia não aparecem como temas isolados, mas como dimensões interdependentes de uma sociedade marcada por disputas estruturais.

Se as Ciências Sociais “complicam”, é porque recusam respostas fáceis. E esta edição reafirma essa vocação: compreender para transformar, analisar para intervir, problematizar para ampliar horizontes.

Boa leitura!